

**UNIVERSIDADE DE SÓFIA  
SVETI KLIMENT OHRIDSKI  
Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas  
Departamento de Estudos Ibero-Americanos  
Filologia Portuguesa  
Licenciatura em Filologia Portuguesa**

**Programa**

**O Pensamento de Fronteira nas Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa:  
Os Casos de José Eduardo Agualusa e Mia Couto  
(Disciplina Semestral de Opção)**

**Docente:  
Francisco Nazareth  
([franaza@gmail.com](mailto:franaza@gmail.com))  
(tel: 0884 860 246)**

**Ano Lectivo: 2013/2014  
1º Semestre**

## Preâmbulo e Caracterização

Partindo da ideia de “limiar”, avançada pelo pensador anglo-indiano (a própria caracterização é problemática) Homi Bhabha, pretende-se fazer uma análise de alguns escritos produzidos pelos autores mencionados, tendo em conta a problematização que fazem da “origem” e da “alteridade” e o facto de esta problematização ser feita em língua portuguesa, muitas vezes com um carácter de matização estilística, conceptual e ideológica que deriva das nuances, perspectivas e afirmações em que se inscrevem as suas ideias de (des)enraizamento cultural. Tendo em conta aspectos do romance, do conto e da crónica de ambos, avançar-se-á para uma ideia de “mestiçagem” que, não assentando hoje na perspectiva de Gilberto Freyre, vê ainda o seu texto como algo de fundador da problemática fronteiriça enquanto estratégia contemporânea de produção de cosmopolitismo cultural mediante o uso ético da tradução. Nesse sentido, os “dentros”, os “foras” e os “outros” dos “entre-lugares” apontam, nas escritas dos autores mencionados, para um cariz de ambiguidade e originalidade que constitui o estatuto internacional da lusofonia como idioma próprio de inscrição.

Devedora dos estudos pós-coloniais, esta análise mobilizará, ainda, vários pensadores oriundos do mundo lusófono (para além de um búlgaro e de um indiano) que, inscrevendo-se num quadro mais teórico, apresentam problematizações paralelas, concomitantes e até complementares.

## Público Alvo

Os alunos que frequentam as cadeiras opcionais fornecidas pelo Leitor, no quadro de um leque vasto chamado “Semiótica da Cultura Portuguesa”, são alunos frequentadores dos 2º, 3º e 4º anos da “Licenciatura em Filologia Portuguesa” variando os seus níveis entre o B1 e o C1 (com alguns casos extremos no A2 ou no C2). Dada esta diversidade – e também a própria diversidade sócio-cultural dos alunos (nem todos são de Sónia, nem todos vêm de espaços, digamos assim, “letrados”, idiosincrasias de um país balcânico, pós-comunista e onde a classe média é praticamente inexistente) – a consequente adaptação dos programas ao universo das turmas varia conforme as características de cada grupo.

## Objectivos

- Mostrar as formas pelas quais o pensamento de fronteira corresponde a uma ontologia própria da nossa contemporaneidade globalizada.
- Identificar, de uma forma geral, os modos de apresentação do pensamento de fronteira no discurso universitário enquanto forma de cânone subalterno.
- Apresentar a constituição da lusofonia enquanto acto literário como forma antecipadora desse mesmo pensamento de fronteira, mas a partir de fora do universo académico anglófono que o consagrou.

- Demonstrar como o germe dessa ontologia literária estava já em parte da obra do sociólogo Gilberto Freyre, mas não foi lido dessa forma devido à sua apropriação ideológica no contexto do Estado Novo.
- Ver no estatuto semi-periférico do Colonialismo português não (apenas) a causa de um atraso, mas uma singularidade fatora de um “suplemento literário” criador de um universo de “identidades em trânsito” e “entre-lugares”, bem anterior à consagração destes espaços na crítica literária contemporânea.
- Rever como essa singularidade se apresenta em algum discurso crítico de língua portuguesa.
- Concretizar esta originalidade lusófona na obra do escritor José Eduardo Agualusa, pela visão desta como espaço revelador de uma “nação crioula”, isto é, mestiça.
- Ler, nos interstícios da escrita do autor Mia Couto, uma subversão subalterna da linguagem que cria uma ambiguidade própria a um universo de “português cortamato”.

### Metodologia

As aulas serão dadas em regime “tutorial”, o que implica um esforço de intervenção crítica por parte dos alunos, que pressupõe uma leitura prévia dos textos que dizem respeito a cada sessão. Estas serão organizadas através de questões aglutinadoras que servem de “pretexto” a um debate crítico sobre as obras fundamentais e os textos de apoio, tendo, por seu lado, o professor, o papel de moderador e balizador do debate, tendo em conta este enquanto processo conducente à cobertura dos objectivos supra-citados. Nesse sentido, ao papel do professor moderador (que incentiva a aula dialogada e orienta esse mesmo diálogo) corresponde, em contrapartida, da parte do aluno, um processo de descoberta autónoma de espaços vazios e suplementos críticos – tendo em conta o seu universo cultural de base e a sua mundividência própria – nos quais surgirão, em pleno exercício de liberdade reflexiva, modos autónomos de perspectivação, de acordo com a singularidade de cada um (e a sua capacidade para interagir com o resto do grupo) e o domínio sócio-cultural de partida, que não é – no caso da Bulgária – o de uma “pós-colonialidade” atlântica.

### Avaliação

- **Avaliação formativa contínua (50%):**
- assiduidade: regularidade e interesse na presença em aula;
- participação activa – também por iniciativa própria - nas dinâmicas de grupo inerentes ao trabalho de aula: sentido democrático da diversidade e respeito pela cidadania interactiva do grupo-turma;
- recensões críticas de materiais disponíveis na antologia de textos que está na biblioteca da Universidade;
- pesquisas sobre conteúdos do programa disponíveis na biblioteca da Universidade e na rede electrónica;
- **Avaliação sumativa (50%):**

- **EXAME FINAL DE CONSULTA<sup>1</sup>** – Mediante a apresentação de um dos temas debatido nas aulas *em função dos textos de apoio e da bibliografia primária*, os alunos realizarão - IN LOCO – uma reflexão pessoal e autónoma, bem como fundamentada e rigorosa, que será entregue ao professor e na qual *poderão consultar os textos dessa mesma bibliografia primária e da secundária* (25%);
- **DEFESA ORAL** – **Com base naquilo que escreverem** (afirmações que serão suas e pelas quais serão responsáveis), os alunos serão interpelados pelo professor de modo a *poderem responder cabalmente perante o que registaram, assumindo a sua autonomia de raciocínio e justificando as suas perspectivas*, bem como esclarecendo o professor sobre as mesmas que são, obviamente, possíveis desde que fundamentadas (25%).

## Conteúdos

**1.1 – O que é uma cultura de fronteira? Novos desafios à identidade na era da globalização:**

- a) – trânsito e nomadismo;
- b) – desconstrução e redimensionamento;
- c) – híbridos, mestiços e mulatos;
- d) – a ideia de um “espaço cultural crioulo”;
- e) – desordem e contaminação.

**1.2 – A canonização subalterna e internacional do pensamento de fronteira: Todorov, Bhabha, Sousa Santos e Chakrabarty.**

**1.3 – Do “mundo português” à “lusofonia” ou como Gilberto Freyre ficou “entre Próspero e Caliban” num “Atlântico pardo”.**

**1.4 – Da descoberta do “Outro” “lá fora” à descoberta do Outro “cá dentro”, ou de como o “fora” e o “dentro” se diluem em “imanência”: Eduardo Lourenço e João Maria André.**

**2.1 – A “nação crioula” de José Eduardo Agualusa como “fronteira perdida” na qual “não existem sítios mas apenas posições”: “Fradique Mendes descentrado**

---

<sup>1</sup> A detecção de plágio nos exames de consulta dará direito a reprovação sem possibilidade de recurso. Os trabalhos escritos pretendem incentivar a criatividade dos alunos, a reflexão autónoma e a expressão pessoal na “língua-alvo”. Além de uma falta de respeito para com o trabalho do professor, o plágio é – sobretudo – um desrespeito para com os colegas que desenvolvem um trabalho sério, criativo, pensado e autónomo. Sendo uma reprodução acéfala de conteúdos, o plágio é também uma prova de má formação intelectual e ética e nada acrescenta interiormente a quem o faz. Se o professor quiser ler o que está escrito em outros textos (sobretudo os que circulam na rede electrónica), pode fazê-lo por si mesmo.

descobre que “não há mais lugares de origem” e pergunta “e se o lobo mau fosse angolano?”

2.2 – Mia Couto e o “despensar” linguístico da razão quando se anda de “machimbombo”: quando as vozes “desadormecem”, a “terra sonâmbula” faz-se “parente do futuro” e o “sonho” transforma-se em “pensatempo”.

3 – Inconclusão: a “cidadania lusófona” é cultura de fronteira? Quais as tarefas da tradução intercultural?

### Horário

Duas horas (2) por semana.

### Bibliografia

#### Bibliografia Primária

Agualusa, José Eduardo

- Nação Crioula (Lisboa: TV Guia Editora, 1997).
- Fronteiras Perdidas (Lisboa: Dom Quixote, 1999).
- A Substância do Amor (Lisboa: Dom Quixote, 2000).

Couto, Mia

- Vozes Anoitecidas (Lisboa: Caminho, 1987).
- Terra Sonâmbula (Lisboa: Caminho, 1992).
- Pensatempos (Lisboa: Caminho, 2005).

#### Bibliografia Secundária (por ordem de apresentação dos textos na antologia)<sup>2</sup>

Ribeiro, António Sousa “A Retórica dos Limites. Notas Sobre o Conceito de Fronteira”, Boaventura Sousa Santos (org.) Globalização: Fatalidade ou Utopia? (Porto: Afrontamento, 2001), pp. 463/88.

Sousa Santos, Boaventura “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Inter-identidade”, Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (orgs.) Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade (Porto: Afrontamento, 2002), pp. 23-85.

Sousa Santos, Boaventura “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências” [www.ces.fe.uc.pt](http://www.ces.fe.uc.pt), consultado em Novembro de 2005.

---

<sup>2</sup> O Instituto Camões enviou recentemente para a Biblioteca dos Estudos Portugueses uma excelente adenda a esta bibliografia que pode ser, por isso, consultada pelos alunos: Padilha, Laura Cavalcante & Margarida Calafate Ribeiro Lendo Angola (Porto: Afrontamento, 2008).

Lourenço, Eduardo A Morte de Colombo: Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito (Lisboa: Gradiva, 2005), pp. 35-41 e 83-122.

André, João Maria “Identidade(s), Multiculturalismo e Globalização” (comunicação apresentada no colóquio “A Filosofia na Era da Globalização”, Universidade de Coimbra, 23 e 24 de Fevereiro de 2006): disponível na rede electrónica em <http://www.apfilosofia.org/documentos/>

Almeida, Miguel Vale de Um Mar da Cor da Terra (Lisboa: Celta, 2000), pp. 185-204 e 227-244.

Bhabha, Homi “A Questão Outra”, Manuela Ribeiro Sanches (org.) Deslocalizar a Europa (Lisboa: Cotovia, 2005), pp. 143-166.

Chakrabarty, Dipesh “Histórias de Minorias, Passados Subalternos”, Manuela Ribeiro Sanches (org.) Deslocalizar a Europa (Lisboa: Cotovia, 2005), pp. 209-230.

Todorov, Tzvetan A Conquista da América (Lisboa: Litoral, 1990), pp. 11-65 e 297-308.

Quintas, Fátima. “Tristes trópicos ou alegres trópicos? - o Lusotropicalismo em Gilberto Freyre”, Ciência & Trópico Recife, vol. 28, Nº 1, pp. 21-44, Jan./Jun. 2000.

Sousa Santos, Boaventura Pela Mão de Alice (Porto: Afrontamento, 1994), pp. 119-137.

Mata, Inocência, “Estranhos em permanência: a negociação da identidade portuguesa na pós-colonialidade”, Manuela Ribeiro Sanches (org.) Portugal não é um País Pequeno (Lisboa: Cotovia, 2006), pp. 285-315.

Sófia, Setembro de 2013